

PREHISTORIC ROUTE - 2.ND GROUP

THE PALEOLITHIC: THE FIRST INHABITANTS The first humans to arrive to our uninhabited territory travelled over largely unknown routes from Africa before spreading throughout the Old World. The traces of these first inhabitants in present-day Portugal date to around half a million years ago. Human remains and abandoned stone and bone utensils such as the hand axe found in the Furninha or Dominique's Cave (Peniche) – a versatile instrument for, among other things, cutting, drilling and crushing – are among the traces left by the earliest hunter-gatherers that frequented caves on the peninsula, depositing very long successive stratigraphic layers where the remains of the now-extinct fauna can also be found.

THE NEOLITHIC: THOSE WHO WORK THE LAND By the middle of the 6th millennium BCE, the arrival of the first agro-pastoralist communities on the Iberian Peninsula changed the face of its history forever. The dwindling numbers of those previous groups who still survived from hunting and gathering watched on as these producers of wheat, barley, goats, sheep, cattle and pigs – products that have remained a part of our diet for more than seven thousand years – first began to work the land, initially choosing light soils that were easy to manually plough with polished stone hoes. These open air habitats were occupied for only short periods, while caves were used as burial places, as in Nascente do Almonda (Torres Novas). Group identities were affirmed in the production of ceramic vases for the confection, storage and consumption of food, decorated using shells, marking grooves and depicting various types of grain, as can be seen in the cave of Senhora da Luz (Rio Maior).

MEGALITHS: LIFE WITHOUT END We do not fully understand the belief systems of the ancient Neolithic and Chalcolithic societies that built megalithic monuments to house the dead in various landscapes throughout the 4th and 3rd millennium BCE. A lack of written records keeps us from reconstructing the narratives developed by these communities in relation to the dead, the meaning of the artefacts that accompany them and the rituals that took place around these often immense stone monuments. Nonetheless, the construction of funerary structures such as the large dolmens in Alentejo and the Beiras, which required the transportation of large blocks of stone weighing several tonnes; the characters with large eyes represented in stone, ceramic and bone surrounding the dead; the artefacts of common use such as arrowheads, hand axes of polished stone, ceramic vases and exceptional pieces charged with symbolic and social value such as the schist staff; the play of light created by the cautious construction of these monuments oriented to the rising sun, illuminating the funeral chamber literally and metaphorically; all these aspects allow us to understand that death was not necessarily considered the end of life for these communities.

THE CHALCOLITHIC: THE EMERGENCE OF THE ELITES Population growth, prosperity and possibly economic inequality seem to have created a climate of social conflict that marks the landscapes of the 3rd millennium BCE. Prosperity generated by technologies introduced from the East such as the plough and cart is inseparable from the growth of a dense network of population centres during the Chalcolithic period, some measuring dozens of hectares in size and others surrounded by robust stone walls. Growing economic development and social sophistication characterised the Chalcolithic elites, who were also distinguished by their possession of exotic and technologically advanced artefacts such as flint halberds recovered in funerary monuments like the tholos tombs of Alcalar (Portimão). The unequal distribution of other exceptional artefacts in ivory, gold, amber and variscite, often brought from thousands of kilometres away, reveal that any period of social equality – whether real or imagined by modern philosophers – had come to an end by this period.

Mariana Diniz
Associate Professor Faculdade de Letras,
University of Lisbon

Obliterações do 1.º dia First-day Cancellations

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, n.º 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município
Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 136
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue - 2020 / 08 / 20

Selos / stamps
€ 0,53 - 100 000
€ 0,75 - 100 000
€ 0,86 - 100 000
€ 2,00 - 100 000

Design
Design & etc. / Hélder Soares

Créditos / credits
Selos / stamps
€ 0,53

Biface de sílex do Paleolítico Inferior/Médio
(c. 300.000-35.000 AC). Gruta da Furninha (Peniche).
Foto/photo, Nuno Delícias.
Coleção / collection: Museu dos Serviços Geológicos.

€ 0,75
Vaso com decoração impressa e plástica do Neolítico antigo
(c. 5.500-4.500 AC). Gruta de Nossa Senhora da Luz (Rio Maior).
Foto / photo: José Rúbio. Museu Nacional de Arqueologia. DGPC

€ 0,86
Báculo de xisto com decoração geométrica e dorso serrilhado
do Neolítico Final/Calcolítico (c. 3.000-2.500 AC).
Anta da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo).
Foto / photo: António Ventura. Museu Nacional de Arqueologia. DGPC.

€ 2,00
Alabarda de xisto do Neolítico Final/Calcolítico
(c. 3.000-2.500 AC). Gruta da Casa da Moura (Peniche).
Foto / photo, Nuno Delícias.
Coleção / collection: Museu dos Serviços Geológicos.

Capa da pagela / brochure cover
Paleoethnologia. Antiguidades monumentais do Algarve:
tempos pré-históricos, Veiga, Sebastião Philippes Martins Estácio,
Coleção / collection: American Libraries.

Interior da pagela / inside the brochure
Congrès international d'anthropologie et d'archéologie
préhistoriques, International Congress of Anthropology and
Prehistoric Archaeology, Coleção / collection: American Libraries.
Sobrescrito de 1.º dia / FDC
Congrès international d'anthropologie et d'archéologie
préhistoriques, International Congress of Anthropology and
Prehistoric Archaeology, Coleção / collection: American Libraries.

Tradução / translation
Kennis Translations

Agradecimentos / acknowledgments
Museu dos Serviços Geológicos
Museu Arqueológico do Carmo

Papel / paper
FSC 110g/m²

Formato / size
Selos / stamps: 30,6 x 40 mm

Picotagem / perforation
12 x 12 ¼ e Cruz de Cristo / and Cross of Christ

Impressão / printing: offset

Impressor / printer: bpost Philately & Stamps Printing

Folhas / sheets: Com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescrito de 1.º dia / FDC
C6 - €0,56

Pagela / brochure
€0,85

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
Rua João Saraiva, n.º 9
1700-248 LISBOA

Colecionadores / collectors
filatelia@ctt.pt
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slight differences may occur in the final product.

Design: Atelier DesignSet
Impressão / printing: Futuro Lda.



ROTEIRO PRÉ-HISTÓRICO

2.º GRUPO

Escala de 1:100



NO PALEOLÍTICO, OS PRIMEIROS HABITANTES Ao nosso território desocupado, chegam os primeiros humanos. Oriundos de África percorreram rotas mal conhecidas e espalham-se por todo o Velho Mundo. Há cerca de meio milhão de anos, no atual território português, vão surgir os vestígios destes primeiros habitantes. Partes de esqueletos encontrados em grutas, visitadas uma e outra vez, e onde se abandonam utensílios de pedra ou osso - como o biface da Gruta da Furninha (Peniche) – instrumento polivalente de corte, perfuração, esmagamento etc., são o registo da passagem destes primeiros caçadores-recolectores, que depositados em camadas sucessivas formam estratigrafias muito longas, onde se conservam também restos da fauna, já extinta, com quem partilham as paisagens.

NEOLÍTICO, AQUELES QUE LAVRAM A TERRA Em meados do 6º milénio AC, a chegada à Península Ibérica das primeiras comunidades de agricultores-pastores mudará para sempre a face da História. Resumidos a quase nada, os que ainda vivem da caça e recolção, assistem ao avanço destes agricultores de trigo e cevada, pastores de cabras e ovelhas, vacas e porcos, produtos que nos acompanham numa dieta de mais de sete mil anos, que é, primeiro, tímido escolhendo solos leves fáceis de trabalhar por enxadas de pedra polida e força de braços. As aldeias/acampamentos são ocupados por curtos períodos, as grutas são usadas como lugares de enterramento, como na Lapa do Fumo (Sesimbra), e é na produção dos vasos cerâmicos, destinados ao armazenamento, à confeção e ao consumo de alimentos e, em particular, na sua decoração que se afirmam as identidades de grupo, usando conchas, marcando caneluras ou desenhando espigas – como no vaso da Gruta da Senhora da Luz (Rio Maior).

MEGALITISMO – SE A VIDA NÃO ACABA Desconhecemos o sistema de crenças das antigas sociedades neolíticas e calcolíticas que construíram, ao longo do 4º e 3º milénio AC, em diferentes paisagens, monumentos megalíticos destinados a receber os mortos. A falta de registos escritos não nos permite reconstruir as narrativas que envolvem os mortos, o significado dos artefactos que os acompanham e os rituais que têm como cenário estes, por vezes imensos, monumentos de pedra.

No entanto, o esforço que a construção destas estruturas funerárias exige, com o transporte de grandes blocos de pedra pesando várias toneladas, como nas grandes Antas do Alentejo ou das Beiras, as personagens de grandes olhos, que representadas em pedra, cerâmica ou osso, rodeiam os mortos, os artefactos de uso comum – as pontas de seta, os machados de pedra polida, os vasos cerâmicos, mas também as peças excepcionais carregadas de valor simbólico e de estatuto social, como o Báculo de xisto, o jogo de luz que a cautelosa construção destes monumentos orientados ao sol nascente ilumina, real ou metaforicamente, a câmara funerária, permite admitir que a morte não é, para estas comunidades, o fim da Vida.

NO CALCOLÍTICO, QUANDO OS PODEROSOS EMERGEM O crescimento populacional, a prosperidade – e a conseqüente desigualdade? – económica estarão na base de um clima de conflito social que parece marcar as paisagens do 3º milénio AC. A prosperidade gerada pela introdução de técnicas vindas do Oriente, como o arado ou o carro, é indissociável do crescimento demográfico que a densa malha de sítios ocupados que durante o Calcolítico, alguns com dezenas de hectares outros com robustas muralhas de pedra, reflete. A intensificação económica e a complexificação social estarão na base das elites calcolíticas cuja principal característica distintiva parece ser a posse, nos espólios recuperados em monumentos funerários como o tholos de Alcalar (Portimão), de bens exóticos ou tecnologicamente excepcionais – como é o caso da Alabarda de sílex, artefacto cuja função guerreira parece certa. Outros artefactos de exceção, em marfim, ouro âmbar ou variscite muitas vezes percorrendo milhares de quilómetros denunciam pela sua desigual distribuição que os tempos – reais ou imaginados pelos filósofos – da igualdade social chegaram ao fim.

Mariana Diniz
Professora Associada
UNIARQ - Faculdade de Letras de Lisboa

*Plan
de la grotte*



**ROTEIRO
PRE-HISTÓRICO
2.º GRUPO**

